

6

**O CULTO DA
PERSONALIDADE
E O LEGADO
PATRIMONIAL**

PARQUE E PALÁCIO DE MONSERRATE, SINTRA



António Nunes Pereira

Diretor da Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A.:
Palácio Nacional da Pena, Palácio de Monserrate,
Chalet da Condessa d'Edla, Sintra, Portugal
antonio.nunespereira@parquesdesintra.pt

António Nunes Pereira nasceu em 1967 em Lisboa. Em 1990 licenciou-se em Arquitectura na FA/UTL. Em 1991 foi para República Federal da Alemanha com uma bolsa de estudos do Serviço de Intercâmbio Académico Alemão (DAAD) para realizar uma pós-graduação em História da Arquitectura e Reabilitação de Património Arquitectónico na Universidade Técnica da Renânia-Vestefália de Aachen (RWTH). Entre 1993 e 2000 foi assistente no Departamento de História da Arquitectura e Protecção de Património desta Universidade. Neste Departamento concluiu ainda em 2003 o doutoramento com a tese "A arquitectura religiosa cristã de Velha-Goa na segunda metade do século XVI e nas primeiras décadas do século XVII: o surgimento de uma tipologia arquitectónica religiosa". Trabalhou em diversos gabinetes de arquitectura em Portugal e na Alemanha, entre 1988 e 2003. Entre 2003 e 2010 foi Professor a tempo integral da Escola Superior de Design do IADE, Lisboa, onde ainda lecciona, e entre 2004-2007 docente no Mestrado (em 2006, DFA) em Recuperação e Conservação do Património Construído, no Instituto Superior Técnico, coordenado pelo Professor Doutor Engenheiro António Lamas. Entre 2005 e 2009 coordenou o projecto de investigação "Arquitectura e Matemática", financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. É desde 2010 director do Palácio Nacional da Pena e desde 2015 também do Palácio de Monserrate e do Chalet da Condessa d'Edla, Parques de Sintra – Monte da Lua, SA.

O culto da personalidade e o legado patrimonial: protagonistas da Paisagem Cultural de Sintra

Resumo:

O presente artigo apresenta o culto da personalidade em três edifícios patrimoniais e musealizados enquanto antigas residências no contexto da Paisagem Cultural de Sintra: o Palácio Nacional da Pena e o Chalet da Condessa d'Edla, assim como o Palácio de Monserrate, todos sob a gestão da Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A. Este culto, sobretudo centrado nas principais figuras criadoras de cada edifício (D. Fernando II, a Condessa d'Edla e Francis Cook), apresenta vantagens mútuas, tanto para a memória dos indivíduos em causa, como para o seu legado patrimonial. Para o património estas personalidades assumem-se como veículo de autenticidade para a reconstituição historicamente informada dos espaços museológicos e de empatia com o público visitante através do seu percurso de vida e de características de personalidade. Mas o património também beneficia a sua memória, ao revelar-se como local autêntico e visitável da presença passada destes personagens históricos.

Palavras-chave: Sintra; Palácio-museu; Romantismo

"The cult of personality and the heritage legacy: actors of the Sintra Cultural Landscape"

Abstract:

This article presents the cult of personality in three buildings heritage and museum as former residences in the Cultural Landscape of Sintra: the National Palace of Pena, the Chalet of the Countess of Edla, and the Palace of Monserrate, all under the management of Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A. This cult, mainly centered on the main creative figures of each building (D. Fernando II, Countess d'Edla and Francis Cook), has mutual advantages, both for the memory of the individuals concerned, as well as for its heritage legacy. For the patrimony these personalities are vehicles of authenticity for the historically informed reconstitution of the museological spaces, as well as of empathy with the visiting public through their biography and of personality characteristics. But the heritage also benefits their memory, as it reveals itself as an authentic and visitable place of these historical personages' past presence.

Keywords: Sintra; Palace-museum; Romanticism

O culto da personalidade e o legado patrimonial: protagonistas da Paisagem Cultural de Sintra

O CONTEXTO ATUAL SOB A GESTÃO DA PARQUES DE SINTRA – MONTE DA LUA, S.A. E ALGUNS ANTECEDENTES HISTÓRICOS

O artigo que aqui público resulta da reflexão ao longo de oito anos de atividade na direção do Palácio Nacional da Pena, a que se juntaram há três anos e meio também o Chalet da Condessa d'Edla no Parque da Pena (e que integra o Palácio Nacional da Pena enquanto entidade museológica) e o Palácio de Monserrate, todos na serra de Sintra. Esta atividade tem vindo a ser exercida no contexto muito específico da gestão destes polos patrimoniais e paisagísticos (entre outros) pela empresa Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A. A empresa de capitais exclusivamente públicos tinha sido fundada em 2000 para gerir as propriedades do Estado que se inseriam na área da Paisagem Cultural de Sintra, assim classificada pela UNESCO em 1995. Esta contextualização é importante, porque deixa claro que não são apenas estas casa históricas que estão classificadas como património mundial, e que portanto merecem isoladamente a atenção da PSML, mas sim toda a sua inserção paisagística, inclusive territorial. Se no decorrer deste artigo darei maior importância ao edificado e ao seu acervo histórico, o que decorre das responsabilidades que assumo dentro da PSML, é igualmente imperioso não esquecer que o património natural envolventes destas casas históricas – no caso, os Parques da Pena e de Monserrate – tem sido alvo das mesmas preocupações e da mesma estratégia de atuação. É que uma das estratégias da gestão da PSML destas residências históricas, Pena e Monserrate, resulta da perceção que tanto os edifícios como os respetivos parques ou jardins envolventes fazem parte de uma unidade indissociável¹.

Uma outra estratégia da gestão patrimonial da PSML da Pena e de Monserrate tem sido a especial atenção dada às figuras históricas que estiveram na génese destes dois polos inaugurais do romantismo em Sintra, ou pelo menos que os habitaram e (re)configuraram. Esta ênfase no culto da personalidade, que é comum nas tradicionais “casas-museu”, poderá ser surpreendente em residências como a Pena e Monserrate, que foram habitadas por mais do que uma geração da mesma família e onde não ficou apenas a marca do criador inicial – pese embora a importância deste, D. Fernando II (1816-1885) no caso da Pena, a que temos de acrescentar D. Maria II (1819-1853), a Condessa d'Edla (1836-1929) e até o Barão de Eschwege (1777-1855) e Francis Cook (1817-1901) no caso de Monserrate. Mas o recurso à evocação dos criadores e dos habitantes destas residências explica-se pela necessidade que houve em estruturar o trabalho de reconstrução e reconstituição de edifícios, assim como do trabalho museológico, em termos de autenticidade e de memória histórica. Esta situação verificou-se em particular nos edifícios que tinham chegado a um avan-

çado estado de degradação no princípio deste século XXI, como foi o caso Palácio de Monserrate, gradualmente arruinado desde 1949, e do Chalet da Condessa d'Edla, que tinha sido parcialmente destruído por um incêndio em 1999. Do mesmo modo, ambos os parques da Pena e de Monserrate tinham já um aspeto muito diferente daquele em que tinham sido concebidos, devido a décadas de falta de manutenção e de evolução descontrolada da vegetação. De todos os polos patrimoniais em discussão, o Palácio da Pena foi certamente o que menos reveses sofreu ao longo da sua História. No entanto, algumas alterações radicais à configuração dos seus interiores em diversos momentos tanto ao tempo da monarquia, como sobretudo no período da república, tinham desvirtuado o palácio enquanto testemunho autêntico de uma residência romântica e tardo romântica da família real portuguesa.

A estratégia de ênfase do culto da personalidade relacionado com cada um dos três edifícios delimitou-se com o objetivo de obter vantagens mútuas, beneficiando o património edificado e natural pela sua associação aos seus protagonistas históricos, mas por sua vez concorrendo para o benefício da e memória destes protagonistas pela sua evocação nos referidos edifícios e parques. O culto da personalidade beneficiou o património sobretudo em dois pontos: por um lado, foi um veículo de autenticidade nas reconstituições que se fizeram nos interiores dos palácios e chalet; por outro, estas personagens são igualmente um veículo de empatia com o visitante através da biografia dos criadores ou habitantes dos locais visitados. Mas também o património edificado e natural mostrou-se útil para a evocação de personagens tão extraordinários e que deixaram um legado importantíssimo precisamente nestes locais, outrora edificados e habitados por eles.

Assim podemos resumir a estratégia do culto da personalidade no contexto museológico dos palácios e parques da Pena e de Monserrate:

1. Benefício para o património – personagens históricos como veículo de:

1.1 Autenticidade para a reconstituição historicamente informada dos espaços museológicos;

1.2 Empatia com o público visitante através do seu percurso de vida e de características de personalidade.

2. Benefício para a memória dos personagens: património como local autêntico de presença passada e visitável para evocação destes personagens históricos.

Contudo, antes de analisarmos o papel do culto da personalidade no trabalho de reconstituição histórica e valorização patrimonial atual no contexto da gestão da PSML, convém lembrarmo-nos de que os palácios e chalet em questão foram na sua génese concebidos também eles no âmbito do culto da personalidade. Por um lado D. Fernando II evocou no seu “Castello da Pena” o rei português D. Manuel I (1469-1521, subida ao trono em 1495) por razões de legitimação do seu papel enquanto rei-consorte num período particularmente instável com a introdução do regime liberal – e a que também não é alheio o facto de o “Castello da Pena” ter como embrião o edifício e a cerca do Mosteiro de Nossa Senhora da Pena, mandado construir precisamente pelo rei D. Manuel I. D. Manuel I era assim apresentado como um alter-ego de D. Fernando e este, tal como o monarca anterior, como um rei à altura dos desafios da nação portuguesa (Schedel, Pereira, 2016)

Por outro lado Francis Cook concebeu a sua quinta em Portugal em torno da memória da passagem por Monserrate de um dos mais conhecidos ingleses, William Beckford (1760-1844), já celebrado por este motivo por outro famoso inglês, o poeta Lord Byron (1788-1824)². Ao evocar William Beckford e a sua permanência na quinta neogótica do igualmente britânico Gerard De Visme, Francis Cook poderia muito bem-estar a salientar o pioneirismo britânico no gosto pelas coisas românticas (e neogóticas), numa Sintra entretanto completamente rendida ao romantismo, um século depois de este se fazer as sentir pela primeira vez precisamente em Inglaterra³. Tal como D. Fernando II, também Francis Cook poderia ter uma agenda “nacional” na criação da sua propriedade de Monserrate, mesmo que essa agenda nacional fosse “estrangeira”, porque inglesa, na Serra de Sintra.

Deste modo, o culto da personalidade na Pena e em Monserrate revela-se muito mais complexo do que poderia parecer à partida. Em ambos os casos temos o culto da personalidade que nós, agentes culturais dos dias de hoje, praticamos sobretudo focados nos edificadores dos respetivos locais – a que poderíamos chamar de culto da personalidade direto – e o culto de personalidade já praticado pelos supramencionados edificadores e que inevitavelmente faz parte da tradição herdada destas casas – e a que poderíamos chamar de “culto da personalidade indireto”.

A PERSONALIDADE DE D. FERNANDO II COMO CHAVE PARA O ENIGMA DA PENA

A atual evocação de D. Fernando II no palácio nacional que lhe devemos resultou de uma opção museológica e patrimonial relativamente recente. Até 2010 a ênfase centrava-se na segunda geração que habitou a Pena, após o estado português a ter adquirido para a Coroa à Condessa d’Edla em 1890, no culminar do processo de partilha da herança de D. Fernando, falecido cinco anos antes. Uma vez que D. Luis I, filho de D. Fernando e de D. Maria II tinha também morrido no ano anterior, foram D. Carlos I e D. Amélia que ocuparam enquanto monarcas o agora Castelo Real da Pena. Mas se estes personagens históricos tinham (e têm) grande relevância para a história da Pena, D. Fernando enquanto o comitente de palácio e parque permanece como a figura central deste património. O retorno a D. Fernando II em 2010 justifica-se em diversos aspetos, mas sobretudo pela urgente necessidade de se compreender o fenómeno Pena para além da (ou até mesmo em oposição à) sua aparente extravagância e arbitrariedade artística. Por esta altura, a Pena ainda se encontrava embrumada por todo um conjunto de mistificações, crenças locais, equívocos históricos, anedotas e mal-entendidos que no final da primeira década do século XXI já mal conseguiam esconder a grande lacuna historiográfica que envolvia o (palácio)-museu mais visitado de todo o país. Compreender a Pena enquanto fenómeno histórico, cultural e artístico e conseguir transmitir esse conhecimento à comunidade e ao público exigiu um esforço de absoluto retorno às origens.



Palácio da Pena, Sintra (PSML©, fotografia de Luís Duarte).

Foi necessário voltar a 1836, o ano em que D. Fernando veio para Portugal da sua Viena natal, com o objetivo de assumir uma função para a qual não tinha sido educado enquanto príncipe do ramo Koháry, húngaro e católico, da casa ducal alemã e luterana de Saxónia-Coburgo e Gotha. Foi necessário avançar até ao ano de 1838, data em que adquiriu o extinto Mosteiro de Nossa Senhora da Pena e iniciou uma obra para sua residência privada sob a influência da moda dos castelos românticos que emanava dos territórios germanófonos, incluindo Kassel, Viena, Vale do Reno e Baviera⁴. Foi necessário explorar a seu culto da personalidade de D. Manuel I, numa altura em que em pleno Romantismo a História adquiria uma dimensão identitária e que aquele monarca era aceite como o mais Venturoso de toda a história de Portugal. Foi necessário seguir a evolução da obra da Pena, à medida que D. Fernando firmava pé no nosso país, já não como líder militar após o falhanço logo em 1836, mas como colecionador e mecenas cultural, ajudando a definir um papel social até então desconhecido, o de um monarca sem poder real, o de um monarca do liberalismo. Foi necessário seguir a evolução do percurso de D. Fernando após a grande cisão que foi a morte de D. Maria II em 1853 e a subsequente ligação à cantora lírica suíço-americana Elise Hensler, iniciada apenas seis anos depois⁵. Na obra da Pena, sempre em progresso, ficavam plasmadas todas estas mudanças, às quais também não foi indiferente o desaparecimento do projetista de parque e palácio, Barão de Eschwege, em 1855, cinco anos depois de deixar o nosso país em direção ao seu Hessen natal. Se em algum objeto patrimonial da região de Sintra foi necessário a revelação da verdadeira dimensão histórica da personalidade do seu criador como veículo para uma museologia historicamente informada, esse polo foi definitivamente a Pena.

Mas desde logo ficou claro que o retorno a D. Fernando II na estra-



Retrato de D. Fernando II, de Joseph-Fortuné Layraud (PNP 608), durante a exposição *Fernando Coburgo Fecit no Palácio da Pena, Sintra* (2017-2018, PSML©, fotografia de Luís Duarte).

tégia museológica, sobretudo para o Palácio da Pena, traria uma consequência inevitável: à falta de um outro monumento que evocasse esta figura extraordinária do século XIX português, teria de ser a Pena a manter e cultivar a sua memória⁶. Como se não bastasse a vastidão conceptual com que D. Fernando tinha criado este primeiro núcleo que viria a transformar toda a paisagem de Sintra, a sua memória obrigava agora a Pena a expandir-se para além de si mesma e de se tornar também num monumento ao monarca.

Esta decisão foi definidora de uma estratégia de mediação cultural: só entendendo a real dimensão histórica da personalidade de D. Fernando II poderíamos compreender o seu legado na obra da Pena. Foi também determinante para a conceção da museografia da exposição permanente do Palácio da Pena. A remodelação do acervo e da sua disposição nos espaços representativos do palácio que se iniciou em 2010 foi orientada segundo a perspetiva da autenticidade enquanto testemunho históricos desta residência real da segunda metade do século XIX e da primeira década do século XX. Tal teve de se alicerçar na investigação orientada para o conhecimento da ação criativa de D. Fernando II na Pena, complementada naturalmente pela vivência da segunda geração. Assim se procedeu (e procede) ao restauro e reconstituição dos interiores históricos do palácio, ora dedicados à geração de D. Fernando II, ora à de D. Carlos I e de D. Amélia.



Palácio da Pena, Sintra. Primeira Sala de Passagem com mobiliário fernandino e a coleção de vidros no armário (PSML©, fotografia de Luís Duarte).

A decisão de evocar a personalidade de D. Fernando II na Pena foi igualmente determinante para a definição da política de aquisições, à qual a administração da PSML dá continuidade até hoje⁷: têm-se vindo a adquirir alguns objetos das antigas coleções do rei-consorte que aparecem nos mercados de arte e antiguidades, mesmo as que se encontravam guardadas na residência de Lisboa, o Palácio da Necessidades, para integrarem o percurso expositivo do Palácio da Pena.

E para além do modelo da aquisição, tem-se igualmente conseguido acordar uma troca de objetos em regime de depósito com outras instituições como o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Palácio Nacional da Ajuda e o Palácio Nacional de Sintra⁸. Foi assim possível, dentro das coleções do Estado Português, adensar a memória de D. Fernando II na sua “querida Pena”. Procura-se deste modo ilustrar a verdadeira dimensão cultural de D. Fernando, valorizando também o Palácio da Pena enquanto instituição museológica.

ELISE HENSLER ENTRE A EUROPA E OS ESTADOS UNIDOS, DA EXPOSIÇÃO PÚBLICA NOS PALCOS DE ÓPERA À DISCRIÇÃO DE COMPANHEIRA DE UM REI-VIÚVO E O SEU CHALET DA CONDESSA D'EDLA COMO MEMÓRIA DESTE PERCURSO

O Chalet da Condessa d'Edla é um caso de particular importância nesta estratégia do culto da personalidade no contexto dos palácios e jardins do romantismo sintrense. Em primeiro lugar, trata-se de uma criação da única mulher que assume o protagonismo da sua criação, e que esteve inteiramente envolvida no processo de conceção tanto da parte ocidental do Parque da Pena, como do chalet que tem o seu nome. Em segundo lugar, e ao contrário dos mencionados palácios, a pessoa central não era uma personalidade histórica, então já falecida, mas sim a própria edificadora, a Condessa d'Edla. É um caso único em que não existe a distinção entre o culto da personalidade direto e indireto: aqui eles coincidem. O chalet surge como uma imagem do percurso de vida de Elise Hensler, que nasceu e passou a infância na Suíça, tornou-se jovem nos Estados Unidos da América, fez formação profissional em Paris e lançou-se como cantora lírica no Teatro alla Scala de Milão e, após um breve interregno nos EUA, tornou-

-se a amante e companheira de um rei-consorte viúvo. Foi nesta fase da vida que o chalet foi concebido e edificado. Posteriormente Elise Hensler casou-se morganaticamente com D. Fernando II e tornou-se na discreta aristocrata esposa do monarca, evoluindo após a morte deste para a mais completa invisibilidade até à sua morte em 1929.



Chalet da Condessa d'Edla no Parque da Pena, Sintra (PSML©, fotografia de Luís Duarte).

que nesta década ainda estava a ser configurada. De projeto da própria Elise Hensler⁹, o chalet foi o elemento onde esta pode criar algo de seu na imensa propriedade da Pena. Apesar de vir a ser mais tarde em 1869 esposa legítima do rei-consorte D. Fernando, a condessa não pertenceria à Casa Real devido ao caráter morganático do seu casamento. A sua obra deste período, anterior ao casamento, ficava deste modo num local recluso, privado, distante dos olhares do público, tal como a relação entre ambos. O chalet aparecia assim sob um conceito completamente oposto do exposto Palácio da Pena, que se erguia sobre o segundo cume mais alto da Serra de Sintra, sendo avistado de toda a região de Sintra, Mafra, Cascais, Lisboa e até Costa de Caparica e Palmela. O chalet foi por este motivo uma manifestação romântica da expressão individual e subjetiva de Elise Hensler, por

oposição ao romantismo de caráter coletivo e nacional do Palácio da Pena. A futura Condessa d'Edla concebeu uma autorrepresentação em forma de casa de regalo, em que combinou memórias dos locais do seu percurso biográfico e profissional. A forma cruciforme e a varanda em torno de todo o primeiro piso à maneira do chalet suíço remetiam não só para o nascimento e infância naquele país, como também para o tipo de personagens a que a voz que Elise Hensler se adequava no seu curto, mas interessante percurso artístico de cantora lírica: o das "virgens alpinas"¹⁰. A estes juntaram-se elementos da arquitetura americana, tais como a simulação de um revestimento exterior a tábuas de madeira horizontal e os arcos pontiagudos (desconhecidos na arquitetura de chalets suíços do século XIX), que evocavam a mudança da família para Boston quando a jovem Elise tinha 12 anos. A profusa utilização da cortiça em janelas, guardas e beirados, inspirada no Convento do Capuchos (ou da Cortiça, como era conhecido no século XIX), situado a poucos quilómetros do chalet, era por sua vez a menção à última estação geográfica na vida da condessa (e que viria a ser a sua mais longa), em Portugal e particularmente em Sintra, enquanto companheira, depois mulher e finalmente viúva de D. Fernando II.

Este lado assumidamente privado do chalet desde a sua génese foi determinante para a definição da estratégia museológica a implementar, após a reconstrução e restauro terminados em 2012¹¹. A evocação desta extraordinária mulher era inevitável e concretizou-se através da seleção de objetos a expor. Alguns destes, que muito provavelmente nunca estiveram no chalet enquanto a Condessa o habitou até 1909 ou mesmo 1910¹², têm a finalidade de sugerir a proximidade à própria pessoa evocada e não apenas à sua obra ou ao seu legado histórico ou cultural. E, apesar de a ênfase ser colocada na Condessa d'Edla, D. Fernando não poderia estar ausente desta casa, cuja razão de existir também se alicerça da relação amorosa feliz entre ambos.

Este lado pessoal do chalet é enfatizado logo à entrada dos visitantes com a exposição da reprodução em gesso de dois medalhões-retratos, um da Condessa d'Edla executado pelo seu professor de escultura, José Simões de Almeida (tio) (1844-1826), o outro do rei D. Fernando II, executado e assinado pela própria Condessa d'Edla¹³. A presença dos traços físicos destas duas pessoas tem como objetivo criar desde logo à entrada uma empatia humana entre os visitantes e aqueles. No caso do medalhão representando D. Fernando, a autoria da própria condessa concede-lhe um lado pessoal ainda mais acentuado. Numa sala contígua, o antigo quarto dos particulares, dois painéis da autoria da investigadora Margarida de Magalhães Ramalho facultam informação sobre a vida da condessa e a história do chalet.

A nota pessoal mantém-se em todo o chalet, paralelamente à museografia constituída pelos objetos típicos de uma casa-museu: peças de mobiliário e outros objetos utilitários, próprios de um ambiente doméstico¹⁴. Nas salas do piso térreo estão expostos objetos ligados à vida pública ou social da condessa: livros de música que estiveram na sua posse, remetendo para a carreira de cantora lírica de Elise Hensler, e o cesto de piquenique para seis pessoas, utilizado em momentos de lazer em reduzida sociedade. Uma reprodução da sua Carta de Armas, assinada por Ernesto II, duque-reinante de Saxe-Coburgo e Gotha, completa o retrato da pessoa pública que foi Elise Hensler.



Quarto de Vestir, Chalet da Condessa d'Edla no Parque da Pena, Sintra (PSML©, fotografia de Wilson Pereira).

Já no piso superior, na área mais privada do chalet, expõem-se testemunhos e objetos de cuidados corporais que claramente estabelecem uma ligação com a existência da Condessa enquanto pessoa física. Numa vitrina do seu antigo quarto de vestir encontram-se a representação da sua mão esquerda em gesso (uma réplica da peça original, guardada em reserva no Palácio Nacional da Pena) e uma trança original do seu cabelo, assim como um leque, um estojo de unhas e um recipiente de creme da marca Barral, que Elise Hensler muito apreciava. Paralelamente, no antigo quarto de vestir de D. Fernando II, o rei foi evocado também de uma forma muito pessoal, neste caso através de uma fotografia sua com uma dedicatória plena de afeto à sua segunda mulher e de um par de binóculos de teatro, que D. Fernando teria usado, por exemplo, nas récitas a que assistia assiduamente no Teatro de São Carlos¹¹.

FRANCIS COOK: A MEMÓRIA DO CRIADOR DE MONSERRATE PREENCHE A AUSÊNCIA DAS SUAS COLEÇÕES



Palácio de Monserrate, Sintra (PSML©, fotografia de Luís Duarte).

Deixei para o fim o Palácio de Monserrate, não devido a uma suposta menor importância deste em relação ao protagonismo que o conjunto da Pena fatalmente assume no contexto da Paisagem Cultural de Sintra. A razão prende-se antes com a ainda recente reconstrução e restauro do palácio, assim como com o também recente trabalho de investigação relacionado com a família Cook e com o recheio que outrora se encontrou nos magníficos interiores desta casa inglesa em plena serra de Sintra.

Mas neste caso podemos contar com o trabalho de investigação da historiadora da arte Maria João Neto, professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Refiro-me à monografia desta investigadora, publicada em 2015 com o apoio da PSML, Monserrate. A Casa Romântica de uma Família Inglesa¹² e à sua curadoria da exposição comemorativa dos 200 anos do nascimento de Francis Cook. Esta exposição teve lugar no palácio de 1 de Dezembro de 2017 e 31 de Maio de 2018 e deixou um catálogo de enorme abrangência¹³. Nesta exposição foi possível reunir um conjunto de objetos artísticos que Maria João Neto identificou em coleções



Biblioteca do Palácio de Monserrate, com a secretária dupla e a panóplia de armas (hoje integradas nas coleções da Casa-Museu Medeiros e Almeida) no seu local original (PSML©, fotografia de Luís Duarte).

públicas e privadas, adquiridas por colecionadores como Ricardo do Espírito Santo Silva, António de Medeiros e Almeida, Manuel Vinhais e outros no leilão do recheio do palácio em 1946/14.

A realização desta exposição teve a enorme vantagem de, num curtíssimo intervalo de tempo permitir recuperar muito do tempo perdido até agora e, de um salto, evoluir grandemente no conhecimento do edifício e sobre o recheio das salas de aparato do piso nobre do Palácio de Monserrate. Aprofundou-se também grandemente em muitos aspetos da biografia de Francis Cook e de outros notáveis membros da família, em que se destaca a sua segunda mulher Tennessee Celeste Claflin, assim como da própria história

da vivência e utilização da propriedade até à sua venda final em 1949/15.

Mas finda a exposição praticamente todos os objetos expostos retornaram às suas instituições de origem¹⁶, permanecendo o problema que já tínhamos antes deste evento: como apresentar ao público uma casa de características especificamente inglesas, cuja cultura doméstica romântica se assume da maior importância enquanto legado patrimonial na Paisagem Cultural de Sintra (por contraste com a Pena, de matriz centro-europeia), praticamente sem acervo? Em particular o primeiro piso do torreão central, constituído por pequenos compartimentos outrora utilizados como quartos de dormir e de vestir, era um problema na medida em que ainda desconhecemos inventários ou fotografias que documentem estes interiores ao tempo da ocupação da família. E mesmo que num futuro a médio ou longo prazo esta situação se altere, o problema de como resolver estes espaços permanecia.



Primeiro piso do torreão central do Palácio de Monserrate, sala interpretativa dedicada a Francis Cook (PSML©, fotografia de Luís Duarte).

O culto da personalidade, mais do que um problema, contribuiu para a solução deste problema. Enquanto se concentrou o acervo, mesmo que reduzido, nas salas mais amplas e decoradas do piso térreo, concebeu-se uma grande área interpretativa no piso superior do torreão central. No vazio dos espaços despojados da sua história instalaram-se grandes painéis com informação em texto, fotografia e desenho, sobre a propriedade de Monserrate, a sua evolução ao longo do tempo, o seu abandono em 1949 e a sua recuperação pela PSML a partir de 2004.¹⁷ Deu-se naturalmente e particular ênfase a Francis Cook, à sua biografia, à sua atividade colecionista e à sua ação na Quinta de Monserrate.

CONCLUSÃO: O CULTO DA PERSONALIDADE E O PATRIMÓNIO

O culto da personalidade de figuras históricas é um excelente veículo para assegurar critérios de autenticidade em processos de reconstituição e reunião de conjuntos patrimoniais dispersos ao longo do tempo. O culto da personalidade é também um modo de gerar empatia com as comunidades e visitantes de determinado objeto que, sendo arquitetónico, é inerte por natureza. A empatia que tanto se pretende criar entre os visitantes e o património que constitui a sua herança cultural, surge mais facilmente se a componente humana estiver presente. Os factos históricos podem estar longínquos, mas a realidade humana é sempre imutável e o seu testemunho mais facilmente reconhecível, mesmo para quem o passado não seja tão sugestivo como para quem se interessa à partida por História ou Arte.

Mas o culto da personalidade tem uma finalidade em si mesmo. Foram pessoas que criaram em determinada altura o que é hoje o nosso legado patrimonial. O culto da personalidade tem a função de tornar evidente no presente a obra e a ação destas pessoas, cuja morte já as tornou invisíveis aos nossos olhos. Em última análise o culto da personalidade levar-nos-á sempre a refletir sobre a contradição entre a efemeridade humana e a perenidade da obra, questão central na existência dos seres humanos.

No caso do legado patrimonial que integra a Paisagem Cultural de Sintra e que aqui foi referido, esta dualidade entre efemeridade humana e perenidade da obra é ainda mais pungente por se inserir num movimento cultural em que estas questões foram particularmente importantes: o Romantismo. Este facto, e a importância e dimensão da subjetividade do indivíduo que este movimento nos revelou pela primeira vez na História Ocidental tornam o culto da personalidade essencial nos testemunhos patrimoniais que esta época nos legou.

NOTAS

- 1 Esta estratégia estende-se naturalmente a todos os polos patrimoniais geridos pela PSML, em que se incluem igualmente os Palácios Nacionais de Sintra e de Queluz, o Castelo dos Mouros e o Convento dos Capuchos.
- 2 Páginas 101-110 de LUCKHURST, Gerald Lee – **Monserrate: An English Landscape Garden in Portugal (1790-1901)**. Bristol: Bristol University, 2014. Páginas 12-22 de NETO, Maria João – **Monserrate: A Casa Romântica de uma Família Inglesa**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015.
- 3 PEREIRA, António Nunes – Traços do Romantismo Inglês na Serra de Sintra: A Quinta de Monserrate. In NETO, Maria João (edição) – **Monserrate Revisitado: A Coleção Cook em Portugal**. Vale de Cambra: Caleidoscópio, 2017. pp. 30-41.
- 4 Página 44 de SCHEDEL, Mariana; PEREIRA, António Nunes (2016) – D. Fernando II e o Palácio da Pena: Olhar Oitocentista sobre a Época Manuelina e os Exotismos. **Artis. Revista de História da Arte e Ciências do Património**. Lisboa. N.º 4 (2016) 42-49.
- 5 RAMALHO, Margarida de Magalhães – **Os Criadores da Pena. D. Fernando e a Condessa d'Edla**. Sintra: Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A., 2015.
- 6 Esta decisão concreta foi tomada pelo então presidente do Conselho de Administração da Parque de Sintra – Monte da Lua, S.A., António Ressano Garcia Lamas, professor catedrático do Instituto Superior Técnico que esteve à frente dos destinos da PSML de 2006 a 2014.
- 7 Entre 2015 e 2018 sob a presidência do Dr. Manuel Carrasqueira Baptista e desde 2018 sob a presidência da Dra. Sofia Cruz, que já detinha o pelouro da Pena enquanto vogal do conselho de administração desde 2015.
- 8 Gostaria de deixar aqui um especial agradecimento ao Senhor Embaixador Manuel Côrte-Real, ao Dr. José Alberto Ribeiro, diretor do PNA, e à minha colega Dra. Inês Ferro, diretora do PNS, pela sua abertura e grande generosidade neste processo.
- 9 Páginas 73-78 de RAMALHO, Margarida de Magalhães – **Os Criadores da Pena. D. Fernando e a Condessa d'Edla**. Sintra: Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A., 2015.
- 10 Esta informação foi-me facultada pela musicóloga e professora da Universidade Nova de Lisboa, Luísa Cymbron, que desde o outono de 2014 participa na conceção dos Serões Musicais do Palácio da Pena. O tema das "vírgens alpinas", papéis de jovens virginais em óperas cuja ação decorre nos Alpes, foi especialmente focado no concerto de 20 de Fevereiro de 2016, com árias dos compositores Bellini, Rossini, Donizetti, Meyerbeer e Verdi, que constituíram parte importante do repertório lírico de Elise Hensler.
- 11 Este trabalho de reconstrução e restauro do chalet decorreu entre 2016 e 2012, sob a direção do arquiteto José Maria Lobo de Carvalho e do engenheiro Daniel Vaz Silva.
- 12 Página 109 de RAMALHO, Margarida de Magalhães – **Os Criadores da Pena. D. Fernando e a Condessa d'Edla**. Sintra: Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A., 2015.
- 13 Ambos os originais, o retrato da condessa d'Edla em gesso e o retrato do rei D. Fernando II em mármore, encontram-se no Palácio Nacional da Pena. O primeiro encontra-se em reserva, por questões de conservação; o segundo está exposto no antigo Atelier da Senhora Condessa.
- 14 Nos últimos anos fizeram-se aquisições a descendentes da condessa d'Edla, de modo a recuperar a memória destes interiores e da sua vivência através de peças de mobiliário original. Algumas destas peças ainda se encontram em restauro e serão colocadas à vista de todos a curto prazo. Mas também aqui foi necessário completar os espaços expositivos com objetos que a condessa tinha noutros locais, como por exemplo no Palácio das Necessidades e, após 1886, no Palacete de Santa Marta.
- 15 Páginas 205-206 de LOPES, Maria Antónia – **D. Fernando II**. [s.l.]: Círculo de Leitores, 2013.
- 16 NETO, Maria João – **Monserrate: A Casa Romântica de uma Família Inglesa**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015.
- 17 NETO, Maria João (edição) – **Monserrate Revisitado: A Coleção Cook em Portugal**. Vale de Cambra: Caleidoscópio, 2017.
- 18 XAVIER, Hugo – 1946: Monserrate em Leilão. In NETO, Maria João (edição) – **Monserrate Revisitado: A Coleção Cook em Portugal**. Vale de Cambra: Caleidoscópio, 2017. pp. 206-219. O leilão foi organizado pela extinta Leiria e Nascimento, que não publicou catálogo. Isto e o facto de os arquivos desta leiloeira não se terem conservado, impediu que até ao presente momento se conseguisse ter uma noção de todos os objetos leiloados.
- 19 NETO, Maria João – **Monserrate: A Primeira Obra da Coleção de Francis** Cook. In NETO, Maria João (edição) – **Monserrate Revisitado: A Coleção Cook em Portugal**. Vale de Cambra: Caleidoscópio, 2017. pp. 42-59. RAMALHO, Margarida de Magalhães – **As Últimas Vivências em Monserrate**. In NETO, Maria João (edição) – **Monserrate Revisitado: A Coleção Cook em Portugal**. Vale de Cambra: Caleidoscópio, 2017. pp. 168-185.
- 20 Foi possível conservar por mais algum tempo e a título de depósito temporário, a grande secretária dupla do designer inglês John C. Crace (Cat.-N.º 26; Neto, 2017, pp. 332-333) e a panóplia de armas (Cat.-N.º 36; Neto, 2017, pp. 352-371) que ainda se expõem na Biblioteca. Gostaria de agradecer ao Presidente da Fundação Medeiros e Almeida (FMA), o Dr. João Oliveira da Silva, e à diretora da Casa-Museu Medeiros e Almeida, Dra. Teresa Vilaça, este gesto de grande generosidade. Também se adquiriu no final da exposição o jarrão Jingtaihan (Cat.-n.º 40; Neto, 2017, pp. 378-379), que passou a fazer parte das coleções do Palácio de Monserrate.
- 21 Às primeiras intervenções no edifício pela PSML em 2004-2005 seguiu-se a grande obra de reconstrução e restauro entre 2006 e 2012 pela arquiteta Luísa Cortesão e pelo engenheiro Daniel Vaz Silva.

BIBLIOGRAFIA

- LOPES, Maria Antónia – **D. Fernando II**. [s.l.]: Círculo de Leitores, 2013.
- LUCKHURST, Gerald Lee – **Monserrate: An English Landscape Garden in Portugal (1790-1901)**. Bristol: Bristol University, 2014.
- NETO, Maria João – **Monserrate: A Casa Romântica de uma Família Inglesa**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015.
- NETO, Maria João (edição) – **Monserrate Revisitado: A Coleção Cook em Portugal**. Vale de Cambra: Caleidoscópio, 2017.
- NETO, Maria João – **Monserrate: A Primeira Obra da Coleção de Francis Cook**. In NETO, Maria João (edição) – **Monserrate Revisitado: A Coleção Cook em Portugal**. Vale de Cambra: Caleidoscópio, 2017. pp. 42-59.
- RAMALHO, Margarida de Magalhães – **Os Criadores da Pena. D. Fernando e a Condessa d'Edla**. Sintra: Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A., 2015.
- RAMALHO, Margarida de Magalhães – **As Últimas Vivências em Monserrate**. In NETO, Maria João (edição) – **Monserrate Revisitado: A Coleção Cook em Portugal**. Vale de Cambra: Caleidoscópio, 2017. pp. 168-185.
- PEREIRA, António Nunes – **Traços do Romantismo Inglês na Serra de Sintra: A Quinta de Monserrate**. In NETO, Maria João (edição) – **Monserrate Revisitado: A Coleção Cook em Portugal**. Vale de Cambra: Caleidoscópio, 2017. pp. 30-41.
- SCHEDER, Mariana – **Palácio da Pena 1839-1885 – Casa de D. Fernando de Saxe-Coburgo. Morada e Museu**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2016. Dissertação de Doutoramento em História da Arte (poli-copiado).
- SCHEDER, Mariana; PEREIRA, António Nunes (2016) – **D. Fernando II e o Palácio da Pena: Olhar Oitocentista sobre a Época Manuelina e os Exotismos**. *Artis. Revista de História da Arte e Ciências do Património*. Lisboa. N.º 4 (2016) 42-49.
- TEIXEIRA, José – **D. Fernando II: Rei-artista Artista-Rei**. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1986.
- XAVIER, Hugo – **1946: Monserrate em Leilão**. In NETO, Maria João (edição) – **Monserrate Revisitado: A Coleção Cook em Portugal**. Vale de Cambra: Caleidoscópio, 2017. pp. 206-219.